

MEMPHIS

TARA M.
STRINGFELLOW



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

Árvore Genealógica

Hazel

n. 1921
c. 1943
m. 1985

Jaxson

n. 1957
c. 1978

Merian

n. 1955
c. 1978

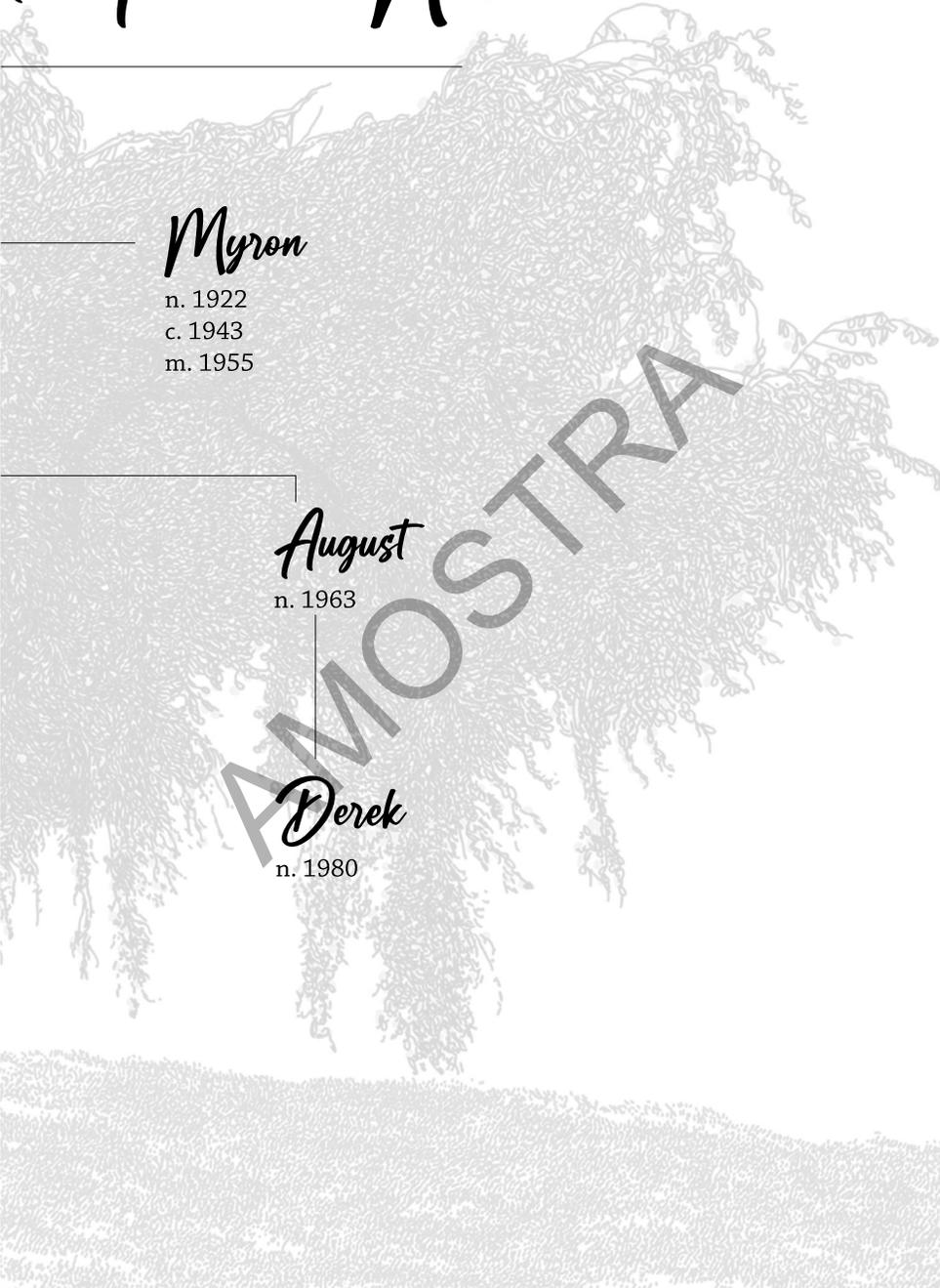
Joan

n. 1985

Mya

n. 1988

da Familia North



Myron

n. 1922

c. 1943

m. 1955

August

n. 1963

Derek

n. 1980

Sumário

Parte I

1.	JOAN 1995	3
2.	MIRIAM 1995	15
3.	MIRIAM 1978	22
4.	AUGUST 1978	35
5.	MIRIAM 1995	41
6.	JOAN 1995	55
7.	MIRIAM 1995	61
8.	MIRIAM 1988	69
9.	AUGUST 1988	78
10.	JOAN 1995	83
11.	AUGUST 1995	97

Parte II

12.	JOAN 1997	109
13.	HAZEL 1937	116
14.	HAZEL 1943	130

CAPÍTULO 1

Joan

1995

A RESIDÊNCIA PARECIA HABITÁVEL. Mamãe apertou minha mão com força enquanto nós três a observávamos, nosso cansaço enfadonho destoando do brilho alegre à nossa frente.

— Meu pai, Myron, escolheu e colocou cada pedra da fundação dessa casa sozinho — sussurrou ela para mim e para Mya. — Com a paciência e o empenho de um homem totalmente apaixonado.

A casa baixa era um respiro nas sombras das ameixeiras, nada parecida com a fortaleza vitoriana de três andares que acabávamos de abandonar. Essa casa parecia, ao mesmo tempo, grande e pequena. Tinha tantas divisões diferentes que se espalhava em todas as direções, em um selvagem labirinto do Sul. Um longo caminho de acesso percorria a extensão do jardim, cortado ao meio por um portão pivotante de madeira. Mas o que fazia a casa respirar, o que dava pulmões à casa, era a varanda da frente. Largos degraus de pedra levavam a uma varanda coberta por uma densa trepadeira, madressilvas e glórias-da-manhã. Acima da

varanda, meu avô ergueu um pergolado de madeira. Os raios de sol surgiam entre as vinhas verdes e placas de madeira que faziam da varanda uma confusa estufa. As madressilvas atraíam beija-flores do tamanho de bolas de beisebol; eles flutuavam sobre o dossel em tons de anil, esmeralda e vinho. Da varanda, era possível ver os gatos, dezenas deles, talvez, um número impossível exceto pelo que uma rápida contagem me revelou. Alguns dormiam em pilhas que pareciam bastante macias, enquanto outros estavam sentados no topo do dossel verde, balançando as patas na direção dos pássaros. Abelhas do tamanho de punhos zumbiam por aí, polinizando as glórias-da-manhã, conferindo ao jardim a sensação de que a própria vastidão verde estava viva, zumbindo e se movendo. Foram as borboletas que consolidaram minha fascinação. Pequenas e da cor de lavanda, elas dançavam no dossel. As borboletas eram violetas-africanas que ganharam vida. Era o toque final para uma sinfonia do Sul toda conduzida em um lote de mil metros.

— Agora não, Joan — disse mamãe, suspirando.

Eu havia tirado meu caderno de desenhos do bolso e já estava me remexendo à procura do pedaço de carvão em alguns dos muitos bolsos do meu macacão Levi's. O meu caderno de desenhos maior, minhas telas em branco do tamanho de xícaras de chá, meus pincéis, tintas e óleos estavam todos rigorosamente embalados no carro. Mas mantinha o caderno menor sempre comigo. O tempo todo. Aonde quer que fosse.

Eu queria capturar a vida da varanda da frente, estampá-la em meu caderno e em minha memória. Uma rápida paisagem. Levaria apenas alguns minutos, mas mamãe estava certa. Estávamos todas exaustas. Até mesmo Loba, que dormiu na maior parte da viagem. O rosto de Mya não demonstrava seu resplendor usual, e guardei meu caderno de volta no bolso traseiro, um pouco derrotada. Quando segurei sua mão, ela estava quente e enfraquecida.

Mya, mamãe e eu subimos os largos degraus de pedra de mãos dadas. Minhas lembranças de quando estive ali eram vagas e distantes — eu tinha apenas 3 anos de idade, e parecia ter sido muito tempo atrás —, mas podia me lembrar de sentar na varanda e servir leite para os gatos. Lembrava da mamãe me alertando para não derrubar o leite, o que sempre acabava por fazer. A risada dela, também — o som, semelhante ao de sinos da felicidade feitos de conchas, vindo de dentro da casa enquanto eu brincava com os gatos, ecoava em minha mente de anos atrás. E a porta, eu me lembrava dela. Era uma besta enorme. Uma cabeça de leão dourada com uma argola cor de ouro no nariz ficava no meio da porta de madeira, pintada em amarelo vivo. Precisava desenhar essa porta, mesmo que tivesse que passar meses, anos, procurando as nuances perfeitas. Era tão magnífica quanto aterrorizante. Ao bater, ao abrir a porta, eu sabia que deixaríamos sair toda a espécie de fantasmas.

Mamãe ergueu o braço, segurou a aldrava e bateu três vezes.

Uma gata malhada roçava em zigue-zague nas pernas de Mya, miando suavemente.

Mya soltou minha mão para poder acariciar o pelo da gata, murmurando com gentileza para ela.

Loba ficou no carro. Mamãe explicou que ela teria que entrar pelo quintal de trás, para que não ficasse tentada a atacar toda a vida selvagem vagando na parte da frente. Ela estava no banco de passageiro com a janela aberta. Não pularia para fora do carro; era grande demais para isso. Parecia mais um mamute do que um cachorro. E, apesar de ser bastante amigável com todos os cachorros, suspeitava de todos os humanos que não eram da família. A curva de seus lábios e os dentes à mostra eram o suficiente para fazer com que grande parte dos homens adultos corresse para o outro lado da rua. Quando filhote, Mya a chamava de “Cavalo” em vez de “Loba”. Loba a carregava, Mya puxava suas orelhas como rédeas, e Loba não se importava. As pernas roliças infantis de Mya

se agarravam ao grosso pelo de Loba. Loba aprendeu a exigir esses passeios. Ela incentivava Mya primeiro com uma lambida no rosto inteiro, fazendo-a fechar os olhos, seguida por uma mordida gentil na ponta do nariz de Mya, avisando-nos que estava pronta para ser montada.

Agora, Loba havia colocado a grande cabeça coberta de pelo cinza para fora da janela da van e rosnava, baixo. Ela sentiu a porta da frente se abrir antes de nós. Quando mamãe ergueu a mão para bater de novo, a porta amarela se abriu, revelando tia August. Seus cabelos estavam presos em grandes bobes rosa, do tipo que já vi em fotos antigas de meninas pinup, e ela vestia um longo quimono de seda cor de creme, com garças da cor do pôr do sol bordadas na frente, levantando voo sobre uma piscina verde. O quimono parecia ter sido amarrado às pressas: uma gravata masculina cor de beterraba casualmente mantinha o tecido preso, quase incapaz de esconder os seios fartos e quadris que pareciam querer escapar por entre as dobras. Minha tia ficou parada, piscando sob a viva luz da manhã, com uma expressão de resignação e exaustão em seu rosto que fazia com que ficasse parecida com mamãe.

— Que guerra vocês perderam? — perguntou tia August.

Minha tia parecia a versão mais alta e majestosa da mamãe. Tia August tinha quase um 1,80 metro de altura. Eu havia lido as histórias de Anansi. Sabia que os vilarejos antigos costumavam enviar para batalhas as mulheres altas como árvores e mais ferozes do que Deus. Se mamãe era Helena de Troia, August era Asafo. Ela parecia não ter fim, parecia ter a mesma altura que a porta. Tinha quadris do tipo que escultores gregos passariam meses talhando, grandes e arrojados e amplos. Sua pele era notavelmente escura, ainda mais escura que a minha, de modo que senti certo orgulho. Sempre invejei mulheres de pele escura como a dela. Havia certo mistério na beleza delas que me hipnotizava, como sereias. Era raro que aparecessem na *Jet*, *Ebony* ou *Essence*, as revistas que assinávamos, a não ser que fossem famosas — a mãe de *Um maluco no pedaço*, Whoopi

Goldberg, Jackie Joyner, Oprah. A maioria das mulheres negras que o público dizia ser bonita se parecia com mamãe. Barbies negras. Mais claras. Cabelos mais cacheados do que crespos. Corpo esguio. Então, quando minha tia August abriu a porta e eu vi que a pele dela era tão escura que refletia todas as outras cores que nos cercavam — o dourado da luz da manhã, o amarelo da porta, o alaranjado da gata malhada se enrolando nas pernas curtas de Mya —, eu sabia que a tia da qual mal conseguia me lembrar era, por si só, um pequeno e delicioso milagre.

— Tem comida na geladeira? — perguntou mamãe.

August abriu mais a porta, assimilando o espetáculo em frente a ela.

— O papa é católico?

Mamãe deu de ombros.

Eu conseguia ouvir Loba rosar de novo acima do burburinho e dos zumbidos das abelhas e dos beija-flores.

— Por Deus — disse August, então, em um sussurro —, está tão ruim assim?

— Vou ficar com meu quarto antigo se puder — disse mamãe.

Tia August se remexeu nas profundas dobras de seu quimono de seda, o rosto contraído numa leve irritação por alguns instantes. Como se uma parte de seu corpo coçasse e ela não conseguisse alcançar. Do bolso do quimono veio o inconfundível pacote verde e branco do cigarro de menta da marca Kools, e foi possível perceber o alívio no rosto de tia August. Aquele pacote de cigarros. Senti uma pontada afiada em minhas costelas, como se uma delas estivesse faltando. O papai fumava Kools. Pega religiosamente o maço verde e branco e o batia contra o joelho algumas vezes, antes de retirar e acender um dos cigarros, perguntando se Mya e eu queríamos ouvir outra história de fantasmas.

Em uma série de movimentos hábeis, August removeu um cigarro e posicionou o isqueiro com a outra mão, pronta para atacar. Ela apontou com o cigarro, primeiro para Mya e então para mim.

— E as meninas? — O olhar dela pareceu repousar mais tempo em mim do que em Mya.

— Juntas. No quarto de costura — disse mamãe, sua voz em um tom agudo que soava quase defensivo, mas com algo a mais que não consegui decifrar.

August, com a rapidez de uma serpente, esticou a mão e agarrou o queixo da mamãe em sua palma, virando o rosto dela de um lado para o outro.

— A base não está no tom certo — observou ela.

Então, tia August perdeu sua compostura. Um lampejo de raiva rapidamente se converteu em lágrimas, e seu rosto se contorceu como o de Mya quando disseram que ela não podia abrir as bolachas de água e sal dentro do supermercado. August foi na direção da mamãe, com todo seu quase 1,80 metro colapsando, inclinada como uma palmeira desgastada nos braços da irmã.

— O que diabo aconteceu com você, Meer? — perguntou August, soluçando nos cabelos da mamãe.

— Mãe, quem são elas?

Era uma voz masculina. Não de um adulto, mas de alguém prestes a se tornar um, em uma masculinidade crescente. Isso nos chocou. Não ouvíamos uma voz masculina havia dias, com exceção de Al Green em todas as rádios e do homem branco no posto de gasolina a meio dia de viagem. Era como se um predador de repente tivesse anunciado sua presença em nosso pequeno refúgio seguro.

Um menino, quase tão alto quanto August, mas com um corpo mais delgado e novo, apareceu na soleira da porta, bloqueando a entrada.

Ele não se parecia conosco. Não tinha as bochechas altas, o lábio superior levemente arrebitado, a grande testa que todas as outras pessoas da minha família tinham. Sua pele tinha um tom marrom-acobreado que parecia um pouco diferente para mim, como conhecer alguém de uma tribo completamente diferente.

Mas eu o reconheci. Meu primo Derek. E, naquela fração de segundo, eu também me lembrei do que ele havia feito comigo — uma memória que havia esquecido após todos esses anos, voltando de repente para mim com uma força que não conseguia conter.

— Derek — disse tia August, soltando o ar do cigarro — essas são as suas primas. Essa é a Mya — falou, apontando com o cigarro. — A Mya era recém-nascida da última vez que vocês vieram aqui. E essa é a Joan.

— Derek, você é tão alto quanto sua mãe. Quantos anos você tem? — perguntou mamãe.

— Quinze — respondeu ele, estufando o peito.

— Quase um homem — constatou ela, falando baixinho.

No caminho até Memphis, eu havia notado cervos espiando na floresta, ao longo da rodovia. Enquanto comíamos sanduíches de atum sentadas em um banco de parque em uma das paradas a oeste de Knoxville, alto nas Montanhas Smoky, uma família de veados veio bem à nossa mesa. Mamãe colocou o dedo indicador por cima da boca, sinalizando para fazermos silêncio. Não dissemos nada, mas fiquei sentada boquiaberta enquanto Mya, corajosa e graciosa, estendeu a mão com um pedaço de maçã. Um pequeno cervo a arrancou como Eva deve ter arrancado aquela maçã. Sem pensar demais. Puro desejo. Depois, no carro, mamãe explicou que os cervos vêm na sua direção se você ficar em silêncio ou se estiver cavalgando. Eles só nos temem quando os caçamos. Mas se ficar

em silêncio em meio a eles, é quase como se você fosse invisível. Você se mistura com a natureza em volta do cervo.

Vendo Derek agora, eu queria desaparecer em meio à flora e a fauna da varanda da frente e do jardim. Os gatos caçando os pássaros, os beija-flores competindo com as abelhas para poder sugar o mel — tudo isso fazia sentido para mim. Havia uma ordem lógica em meio ao caos. Mas ninguém, nem mesmo Deus, poderia sentar aqui e explicar para mim porque aquele menino havia me imobilizado no chão do quarto dele sete anos antes.

August se afastou da mamãe, respirando com dificuldade.

— Bom, entrem, todas vocês — disse ela, com um novo afeto na voz que parecia ter resultado do abraço. — Sem ficar paradas aqui, como se fossem vendedoras, como se não fôssemos parentes. Andem, vou esquentar algo para vocês comerem. Fiz costeletas de cordeiro ontem de noite. Podem se servir — prosseguiu, secando os olhos nas mangas do quimono. A emoção fez suas mãos tremerem um pouco quando ela finalmente acendeu o cigarro.

— É sexta-feira — disse mamãe. Sua voz soava baixa, exausta.

— E daí? — perguntou Derek.

August bateu com força na nuca de Derek.

— Olha com quem você está falando. E como. Meer, vocês vão comer carne, comer até se fartar hoje, pelo amor de Deus. — Derek passou por ela, para o cômodo escuro atrás da porta.

Eu não iria, não podia, me mover.

— Joanie? — perguntou mamãe. — Você está bem?

De repente, senti as mãos de mamãe nos meus ombros e pulei quase um metro no ar.

Tia August parou no patamar, um pé para dentro.

Eu não conseguia tirar meus olhos da escuridão do corredor atrás dela, nem mesmo para olhar para mamãe. O breu começou a tomar minha visão; eu percebia, vagamente, que estava segurando a respiração. Ele estava ali, em algum lugar. Do lado de dentro, ouvi o relógio de piso marcar a metade da hora.

— A menina não fala? — perguntou tia August.

Meu coração pulsava em minhas orelhas. Então...

— Meu Deus! — disse August, levando uma mão à boca. Ela apontou o cigarro aceso para a perna da minha calça.

O focinho do leão na aldrava da porta parecia zombar de mim. Eu me sentia paralisada, como se fosse passar o resto dos meus dias parada naquele lugar na varanda da frente até me transformar em uma trepadeira e me tornar mais uma vinha para as abelhas explorarem. As abelhas — o zumbido vinha de longe agora. Eu percebi, como se estivesse distante, que o volume do mundo inteiro parecia ter sido abaixado. Exceto pelo meu coração batendo forte em advertência.

— Joanie? — Mamãe me virou com tanta força que quase tropecei. Seus olhos grandes tinham salpicos de amarelo nele, que capturavam os raios de sol por entre as vinhas, o brilho repentino ofuscando meus olhos. Senti algo quente descer pela minha perna esquerda, um calor molhado que logo se tornou gelado. Era xixi, percebi, sentindo-me um tanto surpresa, como se estivesse observando o corpo de outra pessoa, a vida de outra pessoa. Eu nem ao menos me senti envergonhada. Mamãe me sacudia com força.

— Ela só está exausta — disse, agora olhando nos meus olhos. — Nossa viagem foi muito longa. — Eu senti os olhos de Mya em mim, vigilantes.

— Bom, vocês estão em casa agora — afirmou tia August, a voz um pouco mais alta do que antes. Soava quase como uma pergunta ou talvez uma prece.

— Vamos lá, Joanie — encorajou mamãe com suavidade, com a mesma voz que eu me lembrava que ela usava para acalmar Mya quando ela era apenas um bebê. — Você precisa se limpar. — Em uma voz mais alta, como se respondesse a uma pergunta, ela disse: — Mya, pode ir.

Tia August esticou uma mão. Mya olhou para mim, então para mamãe, então para mim de novo e, por fim, deu a mão para nossa tia e foi com ela para dentro.

Parecia impossível que eu voltasse a me mover. Pensei que fosse morrer bem ali. Até esperei que isso acontecesse. Exceto que... Mya.

— Venha, Joanie. — Mya havia se virado novamente. Mya. Minha irmã mais nova. Sete anos de idade e, ainda assim, destemida. Algo pequeno fez com que a vida retornasse ao meu corpo. Poderia não conseguir me mover um centímetro por mim mesma, mas por Mya... eu me forcei a dar um passo e depois outro. Não permitiria que ela entrasse lá sem mim. Eu tinha que, ao menos, ser uma fortaleza por Mya.

Entrei, as mãos da mamãe ainda nos meus ombros.

Dentro, a sala de estar era uma continuação da varanda da frente. Havia folhagem por toda parte. O papel de parede preto com peônias cor-de-rosa pintadas à mão cobria as paredes altas e subia uma alta viga octogonal no centro do ambiente. As janelas eram do tipo que eu já vira em filmes antigos sobre a máfia ambientados em Chicago, os cantos revestidos com vitrais coloridos salpicados com intrincadas vinhas cor esmeralda e violetas roxas, lançando uma luz cravejada de pedras preciosas no quarto. Depois de me ajustar à melodia da escuridão e da luz, o contraste do papel de parede preto com o brilho das peônias pintadas, o sol da manhã batendo nos vitrais na medida certa, fazendo as trepadeiras dançarem no

chão em um arco-íris de luz —, meus olhos observaram os móveis. A sala estava cheia de antiguidades: um telefone de disco com cabo de pérola que pousava acima de um pequeno aparador de aparência vitoriana; jarros cheios de pássaros amarelos empalhados; as mesmas borboletas azuis que eu havia visto do lado de fora, mas pregadas em um pergaminho e emolduradas em vidro; uma vitrola; um piano.

— Uau! — Mya deixou escapar.

Um tapete persa desgastado se esticava à nossa frente, em direção a uma lareira de tijolos. Era ali que Derek estava parado.

O olhar de Derek se moveu com rapidez em três direções; para mim, para minhas calças molhadas e, então, para o chão, onde ficou. Eu via agora que ele tinha os mesmos olhos semelhantes aos de um cervo que todas nós tínhamos. Prova de que ele era nosso parente. Eu odiava esse fato. Que ele pertencia a nós — a mim. Senti a bile se remexer em minha barriga e engoli com força para mantê-la onde estava.

Quando os olhos de Derek se voltaram para minha direção, vi que ele parecia diferente e familiar ao mesmo tempo. Seus cabelos estavam em um corte fade curto que, odeio admitir, era atraente nele.

— Oh, olha esses móveis antigos! — exclamou Mya, sumindo. Ela correu para os cantos e esconderijos escuros da sala de estar e do saguão adjacente, explorando. Por mais que fosse corajosa, ainda tinha 7 anos de idade. Adorava se esconder em um bom armário.

Abandonados na sala octogonal, mamãe ficou parada atrás de mim e tia August atrás do filho. Ninguém falou pelo que pareceu uma eternidade.

O silêncio se acomodava no ambiente como uma neblina densa. Eu podia sentir meu próprio sangue queimando e correndo em minhas veias. Sentia a umidade fria da perna da minha calça.